

Naquela tarde de sexta-feira, andava ele de um lado para o outro da sacristia em penumbra. Sentia-se cansado. Apetecia-lhe, como nunca, uma hora de sono. Nem que para isso tivesse que se deitar nas escadas do altar-mor... Mas qual quê? Havia de haver sempre uma alma a precisar fosse do que fosse. E ele que não era capaz de se negar a um pedido, viesse de quem viesse, e a qualquer hora. Para mais, e agora que a festa da padroeira se aproximava, faltara-lhe o único seminarista, desistido, já quase no fim do curso, e embarcado por terras do continente. E eram confissões, batizados, missas, enterros, casamentos... Uma eternidade de serviços e biscatos do ofício em tudo o que era curato e paróquia onde faltava padre. A somar a tudo isso (ou diminuir, que ele já andava confuso na matemática do compromisso) eram também as aulas no ciclo, para garantia da reforma e fuga à rotineira. Ali estava, desacrecentando, do frenesim em que constantemente vivia, uns minutos para refletir sobre o que iria dizer nas missas de domingo. Para sua própria desconsolação, nunca se habituara a falar de coração. Sempre o maldito papel a segurar-lhe, pelo colarinho, os entusiasmos. Desde o domingo em que proferira a primeira homilia, apoderou-se dele uma preocupação medrosa que o tem obrigado a preparar por escrito tudo o que diz aos crentes. Do púlpito abaixo, claro. Que, cá fora, as palavras conversadas com o povo vestiam paramentos de outra tonalidade. Mas, enfim. Lá teria que ser, e o tem-que-ser tem muita força, como lhe dizia um velho amigo. Não fosse o diabo tecê-las, e o bispo acabar por chamá-lo à pedra, e, por via disso, ele, padre-pedro-pedra-pomes (Gostava de se chamar assim, por motivos e razões muito suas.), vir a despir a sotaina. Pelo que, era mister sentar-se, e escrever a prêdica para o fim de semana que aí estava. Mãos entrelaçadas por detrás da nuca, deu mais duas voltas à sala. Encostou a porta que dava para a capela do Sagrado Coração. Fechou-se no escritório. Porém, o sossego tão apetecido foi sol de pouco dura. Com efeito, ainda mal se sentara à secretária, e já o Ti João Sacristão batia à porta para o avisar de que ia mandar entrar os primeiros rapazes da comunhão solene que começavam a chegar para a preparação. Diabo, que era verdade! Tinha-se esquecido. Era isso. Andava com muita coisa na cabeça. E, numa toada de quase queixume, pediu ao Ti João que os fosse enxotando para dentro. E agora? O que é que iria dizer à garotada? Lembrou-se de que lhes tinha prometido responder, nesta última sessão preparatória, a uma das muitas perguntas que a miudagem lhe fazia e que, por regra, só tinham a ver com a verdadeira e real humanidade de Jesus. Choviam questões sobre se Nosso Senhor tinha irmãos, primos, tios. E tinha padrinhos? Eram ricos? Qual era o emprego dele? São José era carpinteiro — isso tinha ficado assente. A mãe não podia ser outra que não a do Menino Jesus. E, o que é que ele comia? Com quem brincara em pequenino? Quem é que lhe tinha arranjado o nome. E que o só padre Pedro lhes explicasse melhor aquela de Jesus, que era Deus todo-poderoso, nem sequer ter tido um buraquinho para morar com os apóstolos. Então ele não tinha casa? Um puto mais espertalhote até lhe atirara com a difícil questão de os melrinhos do céu terem os seus ninheiros, e Jesus, coitadinho, andar sem eira nem beira. O só padre Pedro queria então dizer-lhes que Nosso Senhor andava ao deus-dará nas ruas da Terra Santa? Tinha que lhes responder a tudo isso para que não minguasse a pouca fé que por ali abundava. Com um sorriso

*José F Costa was born in Capelas, S. Miguel, Açores. He did his studies at the Seminary of Angra in the Azores, the Catholic University in Lisbon, the Classic University of Lisbon (BA), Brown University (Master's), and the University of Massachusetts, Amherst (PhD). He immigrated to the United States in 1978. José Costa is one of the founders of the Portuguese Official School in East Providence in 1986 and was the school's pedagogical director for 20 years. He has published poetry, short stories, essays, and translations. He is represented in various anthologies. He is the founder of the BCC *Luso*Centro at Bristol Community College. José is the author of the music and lyrics of songs, including *Velho Pezinho*, a contemporary Azorean folk song. His latest publication is *Mar e Tudo e Outros Casos: Contos* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2022).

condescendente para consigo e a malinha nova, afastou para o lado toda a papelada, ali ao monte, a pedir despacho. Empurrou a cadeira. Curvou-se um pouco mais, até que a cabeça poitou sobre a secretária. Ia-lhes falar sobre a casa, sobre as avezinhas do céu com seus ninhos. E, no silêncio dos santos e das trindades, cansado, cerrou os olhos...

Devias ter por aí sete anos e qualquer coisa Não Talvez a segunda classe Sim Eram quase oito os teus anos Cresceras já para o tamanho de um menino de olhos grandes, castanhos chorados Tinhas a pele enegrecida pelo salseiro do mar Os pés eram de teu avô Deodato que só calçava as sapatas de músico brancas que o tio Caetano do trombone lhe houvera dado de tanto serem amigos da venda da cachaça e da banda

– Eh corisco não las estragues logo à primeira

– Eu só las calço p’la Páscoa da Ressurreição O que foi Os pés se fizeram p’ra criar sola de encontro ao chão

E ria-se muito num rosto trigueiro por detrás do véu do cigarro de folha Lembro-me de te ver sem susto ou alegria de maior Descalçinho de camisa aos quadradinhos lavada sempre de novo e calções de remendo no cú Lembro-me de te querer perguntar pelo nome e tu na meiguice de garoto com rios de riso em teus dentes de cor branca milagrosa me respondias nada E me levavas a pensar que estavas certo pois tua graça deveria já andar gravada no meu tino piado e eu a devia saber de cor e salteado por tantas vezes a ter espreitado da boca saindo de tua mãe vavô vavó Docarmo de teu pai de vez em quando e dos outros muitos outros de tua casa

– Eh rapaz corisquim Mesmo deveras que não vens p’ra casa? Vais dormir c’os melros, é... Olha vem aí o Ranhoso c’o carneiro morto às costas e pega-te p’la saquinha e leva-te p’a dar de comer ao albatroz brabo que ‘tá rente à baleia morta

Então escondias os olhos das vozes que te chamavam Chegavas-te mais para juntinho do meu piar depois eu deixava-te dormir ao som dos cagarros E sonhavas comigo até ao outro dia de manhã E vinha a escola e chegava a nossa tarde até à noitinha de todos os dias Eu lá saía de minha casotinha para te provocar a imaginação Que lá isso de me tocares ...

– Mas eu peguei em ti um dia

Oi falaste finalmente Não não disseste nada Eu é que me lembrei de te recordar como foi este nosso conhecimento de menino e melro Às vezes parece que me soam palavras tuas que as dizias com um sotaquinho que se foi desaperecendo com o teu andar por aí por esses mundos com que nem as minhas asas se atrevem sonhar Mas voltas sempre a este buraquinho da lembrança E aqui estou para te recontar niquinhas de tempo pedacinhos das nossas andaduras do que já lá vai Nem imaginas o que te poderia ditar para o papel se o meu bico escrevesse por ti Tu tinhas razão quando pensavas que os melros têm a cabeça pequenina para que possam meter os ouvidos em tudo e ficarem a saber do resto E é de tal modo que hoje eu já desaparecido sou ainda todas as lembranças de ti Mistério Vês como eu não me enganei Nunca o saberás resolver pois o que escreves é o desenrolar da meada onde se enlaça o enigma que te comove e desta se doba para o novelo que o torna a formar

– ...

Não digas nada Ouve-me na aragem das folhas no silêncio assustado do bicho de figueira no salto arrepiado da aranha no esgravatar do galo Eles me depararam o comer que do alto desta telha eu espreitava E tu me chamavas de assobio E houve um dia depois de muito tentares aproximar-me de ti eu fui quase depenicar-te na tua mãozinha tenra o grão de milho duro que guardaras junto com o livro e a pedra de escrever Assustei-me com o relinchar do macho que entrava para a casinha estafado do trabalho com fome e sede E vavô

– Eh rapaz Aquele melro ‘teve aí perto de ti

E tu numa alegria incontida disseste sussurrando Sim vavô Ele ‘teve quase aqui Mas o velho não te ouviu

– ‘tás a ficar mudo Perdeste a voz Deixa vavô ver o que foi

Então lhe garantiste na sabedoria que já adquiriras de mim que eu me tinha assustado E ficaste triste e com medo Mas eu não me fui embora Me encolhi quedo à entrada da telha por riba da tua casa que era a casa de mais muitos e outros tantos E como nesse dia em todos outros te esperava Lembro-me tão bem Estou a ver-te Aí vens tu pela rua dentro Uma fiadinha de vocês Despreocupada algazarra As malas de fardo à tiracolo baloiçando de corrida em tropeção atrás da bola Lá vens jogando à defesa com o Antero que te morde a paciência

– Tens sempre a mão aí fechada porquê Joga com as duas mãos e c'os pés Tens é mania Amanhã já não entras na minha equipa Abre a mão merda Passa a bola ao João Eh galinha Tira a mão das calças p'a empurrares melhor corisco

– Iih, que papá se sabe corta-te a língua Eu vou dizer Vais ver

Golo! Gritam os outros E é sempre assim Recobras a profunda alegria quando chegas E eu sei o segredo da tua mão que aos outros não revelas Seguras os miolinhas que sempre me trazes do teu almoço na escola É pão de milho doce amarelo às vezes que me habituei a engolir com grãos de areia Nunca mais te poderei agradecer os todos e tantos do teu carinho Com a minha lembrança te pago a esmola Não precisas olhar para cima do telhado Eu já não estou Como tu também já não estás Só que reconstruímos a casa que perdemos com tijolinhos de lembranças E até parece que lá moramos de novo E a gente os bichos que fomos amados por vocês temos este jeito de refazer ninhos que para outros se perderam E até me podes descortinar por cima do rincão Eu brincava contigo às escondidas Desaparecia para o lado da rua E lá vinhas a correr pelo quintal fora com o Brasil a ladrar-te nos calcanhares e eu lá estava pata ante pata correndo a chilrar para o outro lado A cortar a brincadeira ao meio para o outro dia Às vezes era vavó outras tua mãe que te chamavam

– Vem comer

E com o caldo de netos vinha a reza e a noite. Eu ficava de vigia cá fora Quase sempre ouvia-te do meio do vento Muito vento E a chuva Credo Mas foi o vento que me deparou o lugar do ninho Levantou-me meio corpo de telha Aí sorrateirinha se abrigou minha mãe E lá nasci Te explico para fechar em sonho o meu chilro que nos encheu para sempre todas as casas onde fomos aninhado a vida Ando contigo para sempre porque a casa a verdadeira a grande morada é o sítio que nunca deixamos quando de lá saímos.

Senti-te pela primeira vez quando me descasquei filho único de minha mãe assustada aos gritos em cima do telhado Coitadinha Mas é assim Por via da natureza às vezes com a alegria de nos encontrarmos assustamo-nos para sempre Eu tinha ainda quase horas nenhuma de vida quando vavó Docarmo deu com os olhos de minha mãe dolorosamente pintalgados de medo Não te admires com o que te digo que ele há pessoas que nos sentem pela mudança de cor dos nossos olhos Mamã nunca mais me enxergou Perdeu-se daqui ao fim de se ter estafado em muitas voltas redondas à ilha Fiquei então sozinho num montinho de penugem de olhos sem cor forrados de pele fria Um bico amarelo triângulo escancarado no sentido dos pios de mamã que virada à ponta do morro chorou ainda por alguns dias Depois Bem

– Ah Maria Anda ver Traz o piqueno Tão riquinho aqui mesmo Anda ver É um só A melrinha já se foi embora Maria

E do cafuão assomou tua mãe contigo Ali vinha ela de barriga em lua cheia com teu irmão Mané já a caminho E tua avó abraçou-te de encontro aos seios ainda novos Levou-te à altura do meu ninheiro Senti então a tua mão papuda quentinha sobre as minhas falripas assustadas No teu gesto percebi que o meu susto havia de ser passageiro Entendi nesse instante que o teu amor de menino salvaria a minha casa que como sabes não passava de meia dúzia de palhas ligadas com merda de pomba muito piolho e alguma areia enfim uma casa de pobres debaixo da telha ao lado do agulheiro que ti António fizera dias antes de se partir para lá dos ares que eu mais tarde iria descortinar com minha vista de estorno envelhecido Tua mãe essa porque ainda menina também suspirou num embevecimento como se eu fora outro filho

– Eh mamã E agora como é que a gente vai alimentar essa criatura Ainda se António estivesse... Coitadinho Isto vai morrer...

– Ora Não morra o que trazes aí que o resto ‘tá tudo à conta do criador E tu andas-me de pés tão inchados Calça-me umas galochas mulher

– Eu lembro-me de como nosso António fazia com os borrachinhos que as pombas abandonavam

Então tua mãe sentou-se encostada à figueira Com a faca de cabo de osso de baleia fez uma colherzinha de cana E ordenou-te

– Traz agora uns grãozinhos de areia Eu vou buscar miolinhos de pão Mistura tudo com água na tua boca Sim na tua boca querido Mas não se engole Se ele comer pela colher vais dando devagarinho Se ele ainda não atinar

E eu ouvi a tua voz a perguntar num desalento Ele vai morrer

– Ele não morre Os melrinhos nunca morrem Voam Só voam

E tua mãe abriu os braços ao céu E a barriga ficou maior E tu viste que era linda

– Mamã vai dizer como é que ti António fazia Assim Pões a papinha na tua boca Fazes os beicinhos assim Isso mesmo querido Metes depois o biquinho dele na tua boca e deixa-lo mamar

Eu vivi Crescemos amigos Aumentaram-se-me as penas e a vontade medonha de voar E quando isso aconteceu a partir daí meu ninheiro foi como se transformando na casa de alguns dos teus sonhos E muito do que pensavas eram telhas alevantadas por ventos que te sacudiam Fomo-nos pelo aí fora das nossas vidas Na minha memória de penas ficou a tua mão crescendo quentinha E em todas as moradas sem quase bastante mar com terra a mais e desvairadas águas tu és o meu melhor lugar Escrito ficou para sempre que a mim novelinho arrepiado de medo deparaste o céu da mais pura alegria de voar

– *Só prior! Oh, só padre Pedro! Olhe que os rapazes estão à sua espera...*

À porta da sacristia, o Ti João Sacristão, alma solícita, e constante velador do normal funcionamento da igreja, chamou-o do sono.